

MR. ALDOUS HUXLEY E O BRASIL

O Dia – 16 de novembro de 1935.

Há coisas em literatura que a gente não pode dizer sem incorrer na pena dos nossos chefes de escola. Há outras, porém, mais compensadoras e mais agradáveis, que a gente tem a obrigação de dizer para esclarecer o pobre do leitor de nossas parcas letras, para que ele não fique na ilusão de estar com a verdade, somente porque um foliculário qualquer aventurou-se em dizer que aquilo era a verdade e que o resto não passava de torpe mentira. Faz-se ambiente em torno de um fato qualquer e de pronto aquele fato fica sendo como verdadeiro, como autêntico, sem que se possa desmentir, mostrando que a verdade não é aquela, mostrando que a verdade está em outro lugar. É o caso de Aldous Huxley em nosso delicioso mundo literário.

Não só de Aldous Huxley, mas também de muita gente boa que lá na Europa escreve com inteligência.

No Brasil tudo é interessante. A política, o ensino, a literatura, etc. Somos originais dos pés à cabeça. Com o defeito porém de copiarmos a nossa originalidade. Em literatura então essa nossa originalidade vai mais longe. Surge um escritor e só porque a crítica do “Figaro” dá-lhe evidência ou porque o “Times”, ou outro qualquer órgão cita-o com insistência, nós, aqui no Brasil, temos a obrigação de mostrar que, se já não possuímos um escritor de idênticas

tendências, possuímos pelo menos escritores que se assemelham em construções intelectuais. Aldous Huxley, por exemplo, no momento, é uma de nossas vítimas preferidas. O autor de “*Brave New World*” vê-se assim violentamente discutido e comentado no maior deserto de “cultura” que é o novo mundo, especialmente o Brasil de Ruy Barbosa e Machado de Assis, o Brasil onde os homens “inteligentes” fazem a questão de serem “bárbaros” para serem “brasileiros” e fazem questão de não serem “cultos” para serem “americanos”.

Mr. Aldous Huxley até há pouco tempo era um nosso desconhecido. Não se ouvia falar por aqui desse tradicionalista escritor inglês, desse anglo-saxão puro, que, ainda bastante moço, já conseguiu na Inglaterra e na América do Norte uma boa posição pela sua firme e novíssima técnica novelesca, uma verdadeira posição de destaque pelas novíssimas formas de exposição em matéria de conto, novela ou romance, em um país que, desde a morte do delicioso Dickens, não faz outra coisa a não ser preocupar-se com inovações em matéria de arte. Depois do louco H. G. Wells, havia, sem dúvida, de surgir o idealista Huxley do “*Brave New World*” com a sua grande visão política do futuro, grande em arrojo e pobre em realidade, pregando para os povos a máxima um tanto ridícula: “Comunidade, Identidade, Estabilidade”.

Mas voltemos ao nosso assunto. Como íamos dizendo, é uma humilhação para o intelectual brasileiro não estar a par do movimento livresco de outras terras tidas como mais adiantadas. Bastou que Aldous Huxley vencesse, impondo-se perante a crítica, para que nós o julgássemos um grande escritor, o maior de sua geração no antigo continente, o escritor a ser seguido pelos amenos ficcionistas da nova geração brasileira, o escritor última palavra em novidade lá na Europa.

E com fama de huxleyano surgiu triunfante o sr. Érico Veríssimo, um bom romancista dos pampas que de huxleyano nada tem, apesar de muito ter lido Huxley, como já declarou publicamente entrevistado pela imprensa sobre a sua formação, como fazem todos os novos vitoriosos. O sr. Érico Veríssimo apareceu com “*Clarissa*”, uma leve história de amor, sem as impertinências extra-científicas do Mr. Huxley. Depois publicou “*Caminhos Cruzados*”. Com este último livro, a crítica no Rio de Janeiro, sempre sorridente, não esqueceu que Érico Veríssimo gostava de Huxley, que

tinha lido Huxley, que já tinha falado de Huxley, portanto era discípulo de Huxley. Nem que forcemos um paralelo conseguiremos identificar o escritor brasileiro com o escritor inglês. O sr. Érico Veríssimo caracteriza-se pela subjetividade no modo de construir as suas novelas, ao passo que Aldous Huxley, muito pelo contrário, é de uma terrível objetividade com uma tendência confusa para temas de caráter científico, creio eu, por ser neto de Henry Huxley, o comentador do darwinismo na Grã-bretanha, nos fins do século passado.

Vejamos o que diz um compatriota de Huxley, o escritor Charles Duff, sobre a obra desse inglês displicentemente cientista e por vontade da imaginação rebelde ficcionista construtor de novelas estupendas quanto tema: “Seu espírito aristocrático é fortalecido por uma grande erudição. Dotado de uma paciência de investigador científico, destaca-se como especulador dos resultados de sua investigação tal como faz um puro homem de ciência. Seu estilo é seguro, exato e agradável. O que mais fracassa em Huxley é o sentido que dá a forma. Deixa-se dominar tanto por uma idéia que ela o conduz inesperadamente a fins diversos. Por isso, em suas obras de ficção faltam simetria e equilíbrio onde tudo é tão real e nada tem de artificial.”

Ora, falemos com franqueza. Érico Veríssimo nada tem de investigador científico e é perfeito na forma. Huxley deixa-se levar pela idéia. O nosso escritor gaúcho sabe de começo onde vai chegar e o que vai fazer quando lá chegar. Huxley tem um sabor de mistério. Érico Veríssimo ao contrário. E ainda dizem que ele é o maior discípulo de Huxley no Brasil? Onde está a razão dessa afirmação? Em todo o caso, aí ficam essas poucas linhas, para que mais tarde não se vá dizer que engolimos a pílula sem notar que ela é grande demais para atravessar a garganta...